

**Caroline Rego Rodrigues<sup>1</sup>**

*Orientadora Dr<sup>a</sup> Caroline Rego Rodrigues, Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Goiás e docente do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Goiás, Campus Ceres, Brasil.*

caroline.rodrigues.r@gmail.com

**Ilayne Antonia Gomes Pereira<sup>2</sup>**

*Graduanda do curso de Bacharelado em Enfermagem, discente da Universidade Estadual de Goiás - Campus Ceres, Brasil.*

ilayne\_@hotmail.com



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
Endereço: BR-153 – Quadra Área  
75.132-903 – Anápolis – revista.prp@ueg.br

GERÊNCIA DE PESQUISA

Coordenação de Projetos e Publicações

Artigo original

Recebido em: 19/11/2016

Avaliado em: 12/12/2016

Publicado em: 21/04/2017

## PREVALÊNCIA DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS – CAMPUS CERES

### PREVALENCE OF SELF MEDICATION AMONG STUDENTS OF STATE UNIVERSITY OF GOIAS - CAMPUS CERES

#### RESUMO

A automedicação consiste em aliviar sintomas ou curar doenças por meio do uso de medicamentos escolhidos sem prescrição profissional. Este estudo objetiva analisar a prevalência da automedicação entre os acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás (UEG) no ano de 2016. Trata-se de um estudo de campo, de caráter quantitativo, realizado na UEG, Campus Ceres, com amostra de 87 acadêmicos do curso de Enfermagem e 46 do curso de Sistemas de Informação. A coleta de dados foi realizada entre maio e agosto de 2016, através de um questionário com questões objetivas sobre a utilização de medicamentos. Dos entrevistados, 90,8 % dos acadêmicos de enfermagem e 84,8 % dos de Sistemas de Informação afirmaram consumir medicamentos sem prescrição. As classes farmacológicas mais citadas incluíram os analgésicos, antigripais, antialérgicos e antiinflamatórios, enquanto que a indicação mais citada foi o alívio da dor. Conclui-se que a incidência da automedicação é elevada, sendo necessário desenvolver estratégias que visem a otimização da terapêutica e a formação de profissionais mais competentes e conscientizados na preservação da saúde.

**Palavras-chave:** Automedicação, acadêmicos, Enfermagem, Sistemas de Informação, UEG.

#### ABSTRACT

Self-medication consists of relieving symptoms or curing illnesses through medications without professional prescription. This study aims to analyze the prevalence of self-medication among the academics of the State University of Goiás (UEG) in 2016. This is a quantitative field study carried out at UEG, Campus Ceres, with a sample of 87 academics from nursing course and 46 from data processing course. Data collection were conducted between May and August 2016, through a questionnaire with objective questions about the use of drugs. Of those interviewed, 90.8 % of nursing students and 84.8% of data processing students stated that they consumed drugs without a prescription from a professional. The most commonly mentioned pharmacological classes included analgesics, anti-flu, anti-allergic and anti-inflammatory, while the reason for practice was pain relief. It is concluded that the incidence of self-medication is high, and it is necessary to develop strategies aimed at optimizing the therapeutics and training of more competent and conscientious professionals in the preservation of health.

**Keywords:** Self-medication, academics, nursing course, data processing course, UEG.

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a automedicação consiste na prática de buscar aliviar sintomas ou curar doenças a partir do uso de medicamentos escolhidos sem prescrição médica, seja a escolha feita por conta própria ou por terceiros (SILVA et al., 2011; SILVA et al., 2012).

Fatores que possibilitam a prática da automedicação incluem os meios de comunicação que apresentam inúmeras vantagens dos medicamentos anunciados, porém não informam sobre as contraindicações, reações adversas e restrições de uso dos mesmos (BRASIL, 2005) e o acúmulo de fármacos nas próprias residências, que constituem um verdadeiro arsenal terapêutico, o que tem transformado o processo de medicação em um alarmante problema de saúde pública e que necessita de uma atenção especial (SILVA et al., 2013).

O ato de se automedicar é potencialmente prejudicial à saúde, podendo acarretar um grande número de distúrbios e patologias, como hemorragias, lesão hepática e/ou renais, dores estomacais, gastrites e até mesmo úlceras gástricas, intoxicação, etc., visto que, nenhum medicamento é inócuo ao organismo (ROSSE et al., 2011). Vale ressaltar, que a automedicação não se restringe apenas aos leigos, por outro lado, é uma prática que está muito difundida entre os profissionais da área da saúde, e entre os acadêmicos, pelo fato de terem conhecimento sobre os fármacos e terem acesso aos mesmos em suas jornadas de trabalho (SANTOS et al., 2012).

Frente a este cenário, justifica-se o presente estudo, pois somente é possível subsidiar projetos de intervenção com vistas a ampliar a compreensão da população em estudo a respeito da autoadministração, após análise e caracterização em relação ao consumo de medicamentos. Dessa forma, este estudo tem como objetivo elucidar a incidência da automedicação em acadêmicos da Universidade Estadual de Goiás – Campus Ceres, tal como os fatores associados a esta prática entre os usuários, no ano de 2016.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de caráter quantitativo (estudo de campo) desenvolvido na Universidade Estadual de Goiás (UEG) - Campus Ceres. Este estudo obedeceu a todos os preceitos éticos relacionados à pesquisa com seres humanos (BRASIL, 2012), tendo sido

aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (UFG), conforme parecer substanciado nº. 1.528.863 sob o número CAAE 53723116.7.0000.5083.

A população total de alunos matriculados nesta unidade consiste de 186 acadêmicos, sendo 114 alunos do curso de Bacharelado em Enfermagem e 72 do curso de Sistemas de Informação (SI). A UEG Campus Ceres oferece apenas estes dois cursos.

Os critérios de inclusão foram: ser estudante regularmente matriculado em um dos dois cursos oferecidos pelo Campus, não ser funcionário da Instituição e concordar em participar da pesquisa, tendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado. Foram excluídos do estudo todos aqueles que não se enquadraram nos critérios estabelecidos. Todos os acadêmicos foram esclarecidos quanto os objetivos e procedimentos do estudo e foram assegurados quanto à privacidade e anonimidade dos dados envolvidos na pesquisa.

Do total de alunos da instituição, 133 acadêmicos aceitaram participar da pesquisa (87 do curso de Enfermagem e 46 do curso de SI). Os 53 alunos restantes se recusaram a participar da pesquisa. O instrumento para realização da coleta dos dados foi constituído por um questionário composto por 21 questões objetivas (descritas nas tabelas no item resultados) que tiveram por finalidade, coletar informações acerca do entendimento e utilização de medicamentos. O questionário foi dividido em 2 partes: a primeira com questões de dados básicos de caracterização pessoal (gênero, estado civil, município de residência, etc.) e a segunda com questões sobre o assunto, que incluíam variáveis como procura por assistência médica, consumo de fármacos sem prescrição médica, fontes de informação do medicamento ingerido e quais os fármacos consumidos.

A coleta de dados foi realizada no período de maio a agosto de 2016, sendo o questionário aplicado em diferentes turnos conforme a disponibilidade do horário de aula dos acadêmicos. Para organização dos dados coletados, os mesmos foram digitados em banco de dados criado no Programa Excel para Windows®, analisados de forma estatística e percentual, sendo posteriormente, tabulados em tabelas e gráficos.

### 3. RESULTADOS

Na Tabela 1, estão descritas as características demográficas e distribuição dos acadêmicos de acordo com o sexo, faixa etária predominante, estado civil e moradia. A Tabela 2 traz os resultados dos dados coletados relacionados à frequência das consultas médicas, utilização das receitas pelos acadêmicos entrevistados e a porcentagem da automedicação.

**Tabela 1.** Características demográficas e distribuição dos acadêmicos segundo sexo, faixa etária, estado civil e moradia. Resultados apresentados em número de acadêmicos (n) e em porcentagem do total de acadêmicos para cada curso (%).

Acadêmicos matriculados						
		n	%			
Enfermagem		114	61,3			
SI		72	38,7			
Acadêmicos participantes da pesquisa						
		n	%			
Enfermagem		87	65,4			
SI		46	34,6			
Sexo						
		n	%		n	%
Enfermagem	Masculino	18	20,7	Feminino	69	79,3
SI	Masculino	36	78,3	Feminino	10	21,7
Faixa Etária						
		n	%			
Enfermagem	18 a 20 anos	61	70,1			
	21 a 23 anos	19	21,8			
	24 a 26 anos	3	3,4			
	27 a 29 anos	2	2,3			
	33 a 35	1	1,1			
	> 40 anos	1	1,1			
SI	18 a 20 anos	18	39,1			
	21 a 23 anos	15	32,6			
	24 a 26 anos	9	19,6			
	27 a 29 anos	4	8,7			
	33 a 35	0	0,0			
	> 40 anos	0	0,0			
Estado Civil						
		n	%			
Enfermagem	Solteiros	81	93,1			
	Casados	2	2,3			
	União Estável	2	2,3			
	Divorciados	2	2,3			
SI	Solteiros	40	87,0			
	Casados	3	6,5			
	União Estável	3	6,5			
	Divorciados	0	0,0			
Zona de Residência						
		n	%		n	%
Enfermagem	Urbana	87	100,0	Rural	0	0,0
SI	Urbana	45	97,8	Rural	1	2,2

Em que SI = Curso de Sistemas de Informação.

**Tabela 2.** Características dos entrevistados em relação à percepção da saúde, frequência a consultas médicas e automedicação. Resultados apresentados em número de acadêmicos (n) e em porcentagem do total de acadêmicos para cada curso (%).

Uso de medicamentos sem prescrição médica				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	79	90,8	39	84,8
Não	8	9,2	7	15,2
Percepção da saúde atual dos estudantes				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Excelente	7	8,1	5	10,9
Muito boa	21	24,1	22	47,8
Boa	47	54	9	19,6
Razoável	12	13,8	9	19,6
Ruim	0	0	1	2,1
Frequência a consultas médicas				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Mensal	0	0	6	13,1
Bimestral	3	3,4	2	4,3
Trimestral	7	8,1	2	4,3
Semestral	12	13,8	1	2,2
Anual	10	11,5	3	6,5
Apenas quando apresenta algum sintoma	55	63,2	32	69,6
Uso de receitas antigas				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	16	18,4	13	28,3
Não	71	81,6	33	71,7
Uso de receitas antigas: Se sim, de quem são as receitas				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Próprias	14	87,5	7	53,8
De outras pessoas	2	12,5	1	7,7
Não respondeu	0	0,0	5	38,5

Em que SI = Curso de Sistemas de Informação.

A Tabela 3 traz os resultados encontrados sobre o conhecimento dos conceitos da automedicação pelos acadêmicos entrevistados.

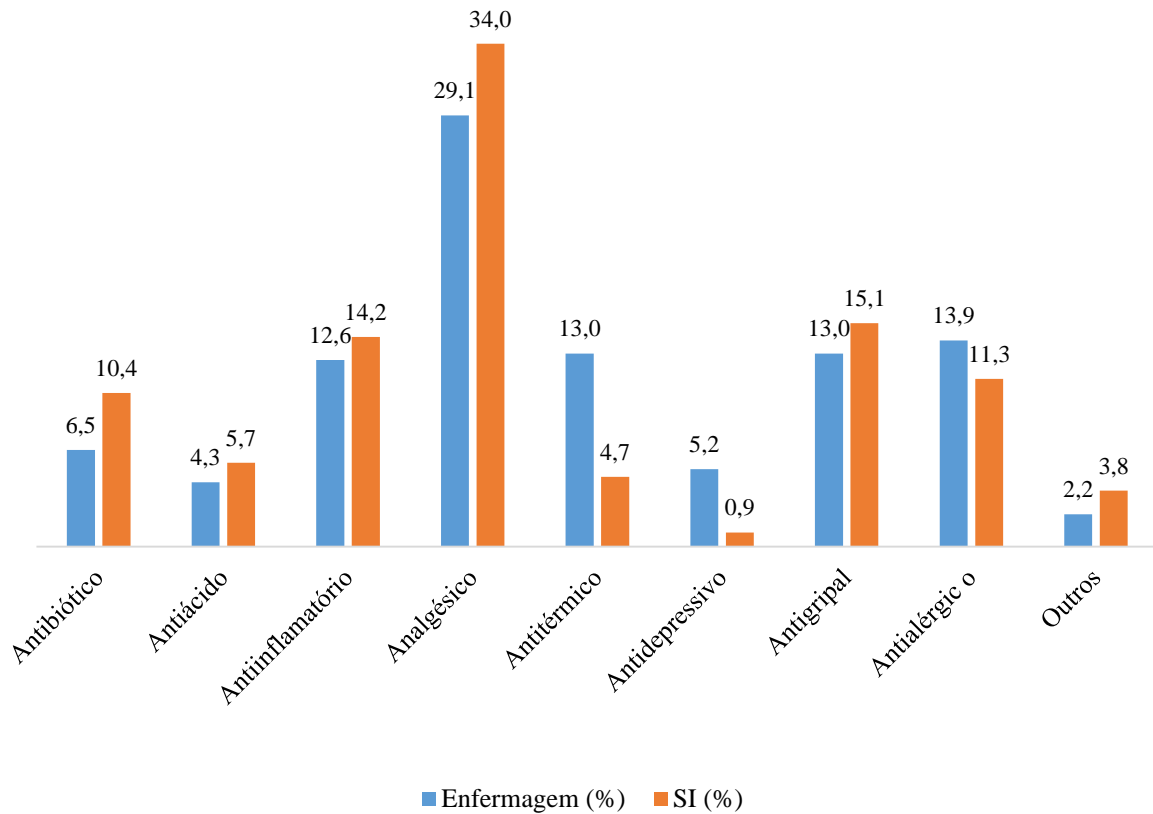
**Tabela 3.** Características dos entrevistados em relação ao conhecimento dos conceitos sobre automedicação. Resultados apresentados em número de acadêmicos (n) e em porcentagem do total de acadêmicos para cada curso (%).

Conceito de automedicação pelos acadêmicos				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Você mesmo tomar algum medicamento, com ou sem prescrição médica	17	19,5	8	17,4
Tomar remédio sem prescrição médica	70	80,5	36	78,3
Não sei	0	0,0	0	0,0
Não respondeu	0	0,0	2	4,3
Automedicação traz danos à saúde				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	83	95,4	43	93,5
Não	4	4,6	3	6,5
O acadêmico já indicou medicamentos para alguém				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	58	66,7	19	41,3
Não	27	31,0	18	39,1
Não respondeu	2	2,3	9	19,6

Em que SI = Curso de Sistemas de Informação.

As classes farmacológicas mais utilizadas pelos acadêmicos durante a prática da automedicação estão descritas na Figura 1.

**Figura 1.** Distribuição das classes de medicamentos mais utilizadas pelos acadêmicos ao se automedicarem. Ressalta-se que os acadêmicos poderiam assinalar mais de uma classe de medicamentos no questionário (resultados apresentados em porcentagem (%) do total de citações pelos acadêmicos. Total de citações para Enfermagem: 230; Total de citações para SI: 106).



Em que SI = Curso de Sistemas de Informação.

São vários os fatores que influenciam a prática da automedicação. Na pesquisa realizada, os motivos e justificativas mais prevalentes estão descritos na Tabela 4.

**Tabela 4.** Motivos, orientações e justificativas dos acadêmicos para a automedicação segundo resultados da pesquisa. Ressalta-se que nesta tabela o n total não corresponde ao número de acadêmicos, mas ao número de vezes que os critérios abaixo foram assinalados nos questionários. Mais de um critério poderia ser assinalado pelo mesmo acadêmico.

Motivos que levam os acadêmicos a se automedicarem				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Não vê problema algum em tomar remédio sem prescrição médica	3	2,3	2	4,0
Estava sem tempo de ir ao médico	19	14,7	5	10,0
Alívio da dor	65	50,4	21	42,0
Não acredita que possa ocorrer alguma reação adversa	4	3,1	0	0,0
Confia na pessoa que sugeriu tomar o remédio sem prescrição médica	5	3,9	6	12,0
Não tinha condições financeiras para procurar um médico e pegar a receita	4	3,1	1	2,0
Era uma doença simples. Não havia a necessidade de ir ao médico para tratar ou adquirir a receita médica	27	20,9	15	30,0
Outro	2	1,6	0	0,0
Quem orienta os acadêmicos a utilizar medicamentos				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Pais	41	35,0	21	33,9
Amigos	6	5,1	2	3,2
Farmacêuticos	24	20,5	18	29,0
Balconistas	5	4,3	3	4,8
O próprio acadêmico	38	32,5	14	22,6
Outros	3	2,6	4	6,5
Justificativas utilizadas pelos acadêmicos para se automedicarem				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Costume. O acadêmico se consultou uma vez, resolveu o problema e continuou o uso.	32	84,2	9	64,3
Acredita ter conhecimento teórico para se automedicar.	5	13,2	2	14,3
Todos os familiares usam.	1	2,6	3	21,4

Em que SI = Curso de Sistemas de Informação.

A Tabela 5 demonstra a relação entre a sugestão/influência de terceiros e a dependência da prática da automedicação.



**Tabela 5.** Características dos acadêmicos entrevistados em relação aos fatores que influenciam a dependência da automedicação. Resultados apresentados em número de acadêmicos (n) e em porcentagem do total de acadêmicos para cada curso (%).

O acadêmico se considera dependente da automedicação				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	8	9,2	4	8,7
Não	77	88,5	33	71,7
Não respondeu	2	2,3	9	19,6
Os medicamentos utilizados estão disponíveis em casa				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Não, mas o acadêmico compra quando precisa	31	35,6	19	41,3
Sim, o acadêmico sempre tem em casa	50	57,5	14	30,4
Não. O acadêmico procura uma unidade de saúde para consultar o médico e obter a receita médica	4	4,6	4	8,7
Não respondeu	2	2,3	9	19,6
Compra de medicamentos sobre influência de propagandas de TV				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	21	24,1	7	15,2
Não	57	65,5	30	65,2
Não respondeu	9	10,3	9	19,6
Compra de medicamentos aconselhado pelo balconista				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	62	71,3	26	56,5
Não	24	27,6	11	23,9
Não respondeu	1	1,1	9	19,6
Recebeu conselhos não solicitados na farmácia/drogaria				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	56	64,4	15	32,6
Não	30	34,5	22	47,8
Não respondeu	1	1,1	9	19,6
Segue as instruções da bula				
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	63	72,4	15	32,6
Não	24	27,6	22	47,8
Não respondeu	0	0,0	9	19,6

## Continuação da Tabela 5.

	Consciência dos riscos que o medicamento pode apresentar			
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	79	90,8	29	63,0
Não	7	8,0	8	17,4
Não respondeu	1	1,1	9	19,6
	Possui plano de saúde			
	Enfermagem		SI	
	n	%	n	%
Sim	34	39,1	14	30,4
Não	52	59,8	23	50,0
Não respondeu	1	1,1	9	19,6

Em que SI = Curso de Sistemas de Informação.

#### 4. DISCUSSÃO

Os dados da Tabela 1 permitem traçar o perfil sociodemográfico dos alunos da Universidade Estadual de Goiás do Campus Ceres. Para o curso de Enfermagem tem-se a maioria composta por mulheres jovens solteiras. Para o curso de SI tem-se a maioria de homens jovens adultos solteiros. Quase todos os acadêmicos moram em zona urbana, em Ceres ou nas cidades vizinhas.

A maioria feminina é muito comum nos cursos da área da saúde enquanto a maioria masculina é esperada para os cursos de exatas. Ambos os cursos oferecidos pelo Campus Ceres seguem a mesma prevalência de gênero descrita pela literatura (SANTOS et al., 2012).

Porém, o curso de Enfermagem é integral enquanto o curso de SI é noturno. Essa diferença interfere na faixa etária dos acadêmicos de cada curso. Para Enfermagem predomina a faixa etária 18 a 20 anos e para SI há uma distribuição mais homogênea de 18 a 29 anos (Tabela 1). Estes dados concordam com o estudo de Leite et al. (2016), realizado com acadêmicos de Enfermagem do alto sertão da Paraíba, em que a faixa etária predominante foi 18 a 24 anos.

Em relação ao estado civil dos participantes, verificou-se o domínio de solteiros em ambos os cursos, com uma margem um pouco maior para o curso de Enfermagem (Tabela 1). Resultado semelhante foi encontrado no estudo de Silva e Rodrigues (2014), que realizaram um estudo do tipo transversal descritivo, para analisar a prática da automedicação entre graduandos de cursos da área da saúde da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia –

UESB, Campus de Jequié, em que os solteiros representaram 90,4 % do total de pesquisados. Este resultado é comum na literatura já que pessoas casadas e com família constituída dispõem de menos tempo para cursar uma faculdade (SILVA; MENDES, 2014).

Da amostra analisada, verificou-se que 90,8 % dos acadêmicos de Enfermagem e 84,8 % dos acadêmicos de SI se automedicam (Tabela 2). A automedicação é uma prática considerada universal, independente do perfil socioeconômico, sendo bastante comum entre estudantes universitários (DHAMER et al., 2012). Os valores encontrados neste estudo são similares ao estudo de Pilger et al. (2016) que avaliaram a prevalência da automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS e de Guidoreni, Bittencourt e Pires (2015) que caracterizaram o uso de fármacos sem prescrição por graduandos em Enfermagem do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA. Tais estudos mostraram 90,0 % e 90,96 % de incidência de automedicação, respectivamente.

Estudo de Júnior et al. (2013) demonstra que os jovens acadêmicos estão mais susceptíveis a praticar a automedicação, pelo fato de nem sempre estarem preparados para assumir as cobranças impostas pela jornada universitária, ritmo de vida, alimentação irregular e falta de tempo para descanso ou lazer, o que favorece o uso abusivo de medicamentos. Além disso, estudos demonstram que, assim como os resultados encontrados neste trabalho, a automedicação é mais prevalente nos cursos da área da saúde (JÚNIOR et al., 2013).

Os resultados encontrados para esta amostra de acadêmicos parecem corroborar a prevalência de automedicação para a população em geral (JÚNIOR et al., 2013). Portanto, não pode-se afirmar que acadêmicos apresentariam menor prevalência de automedicação decorrente de uma maior consciência educacional provida pela Universidade. Ao contrário, este estudo demonstra que, por se afirmarem conhecedores das ciências da vida, os acadêmicos se automedicam em maior proporção que a população em geral.

Com relação à saúde dos entrevistados, a maioria dos acadêmicos de ambos os cursos classificam-na como boa, muito boa ou excelente. Esses resultados podem ser correlacionados aos descritos por Moraes et al. (2015) que encontraram que 52,1 % dos acadêmicos de graduação em Enfermagem do Centro Universitário de Gurupi declararam ter uma saúde boa e 34,72 % uma saúde excelente.

É importante destacar que a porcentagem de alunos que definem a própria saúde como muito boa ou boa é alta; entretanto, a prevalência da automedicação também foi alta, o que caracteriza a necessidade dos medicamentos para a manutenção da saúde (SILVA; MENDES, 2014). Além disso, deve-se ressaltar que a literatura descreve que a maioria dos entrevistados acreditam que dor de cabeça ou sintomas da gripe e/ou febre não caracterizam a ausência de saúde, mas sim sintomas que surgem, mas logo cessam (SILVA; MENDES, 2014). Em concordância, este estudo encontrou que os acadêmicos de ambos os cursos só procuram o atendimento médico/consultas quando apresentam sintomas graves e/ou incomuns (Tabela 2).

O hábito de reutilização da receita foi observado apenas para a minoria dos entrevistados nesta pesquisa (Tabela 2). Pode-se, portanto, afirmar que os acadêmicos de ambos os cursos demonstram o entendimento da necessidade de uma nova receita para uma nova prescrição. Porém, no estudo de Pilger et al. (2016) essa taxa foi de 39 %. A literatura cita como motivador para esta prática a falta de tempo disponível para ir à consulta (em que a espera pode levar horas ou dias) e a associação dos sintomas aos medicamentos prescritos anteriormente (BRANCO et al., s.d).

A Tabela 3 trata da visão dos entrevistados em relação à automedicação. Os resultados encontrados demonstram que os acadêmicos de ambos os cursos estão cientes do conceito de automedicação e dos riscos que os medicamentos podem apresentar. Porém, por serem medicados na maioria das vezes pelos próprios pais (Tabela 4), o receio se dissolve no sentimento de confiança que existe entre os membros da família. Entretanto, este problema pode ganhar proporções ainda maiores quando o acadêmico além de se automedicar, passa a indicar medicamentos para terceiros (Tabela 3).

Esses resultados são preocupantes, principalmente para acadêmicos de Enfermagem (números mais altos que para o curso de SI), levando em consideração que a prescrição é uma prática ilegal de acordo com o Código de Ética de Enfermagem, segundo Art. 48, exceto os previstos em legislação vigente e em caso de emergência (SANTOS et al., 2012).

A Figura 1 demonstra as classes de medicamentos mais utilizadas pelos acadêmicos entrevistados. Os analgésicos se destacam com 29,1 % das citações dos acadêmicos de Enfermagem e 34,0 % das citações dos acadêmicos de SI. Vários estudos também demonstram os analgésicos como sendo a classe mais utilizada por acadêmicos, como o

trabalho de Silva e Rodrigues (2014) que encontraram a porcentagem de 19,4 % e o estudo de Leite et al. (2016) que demonstraram um valor bem mais elevado, com predomínio dos analgésicos e antitérmicos em 50,4 % dos casos. Em seguida são utilizados com maior frequência os antigripais, os antiinflamatórios, antialérgicos, antitérmicos e antibióticos. Estes últimos não podem ser vendidos sem prescrição médica e a afirmação dos entrevistados da sua utilização como automedicação levanta uma questão ética muito importante - deve-se avaliar como estes medicamentos estão sendo obtidos.

Em relação aos motivos que justificam a prática da automedicação (Tabela 4), evidencia-se que o hábito de automedicar-se está mais associado ao alívio da dor. Estudo de Guidoreni, Bittencourt e Pires (2015) também trazem o alívio da dor como principal motivo da prática da automedicação. Este resultado pode estar relacionado ao maior consumo de analgésicos. Estes fármacos agem diretamente no alívio da dor e são de fácil aquisição, pois são em maior parte, fármacos de venda livre (ALBUQUERQUE et al., 2015). Porém, vale ressaltar que a dor é um importante mecanismo de defesa e que esta deve ser melhor avaliada para posteriormente, adotar-se uma conduta terapêutica correta (SANTOS et al., 2012).

O presente estudo mostrou que a maioria dos acadêmicos entrevistados do curso de Enfermagem procuram sempre ter os medicamentos guardados em casa, enquanto os acadêmicos de SI compram quando necessário. Este fato demonstra que o estímulo para a prática da automedicação deve ser maior para os acadêmicos de Enfermagem (Tabela 5). Os acadêmicos de ambos os cursos, porém na maioria, não se declaram dependentes da medicação e não são influenciados pelas propagandas de TV. Os resultados encontrados nos estudos de Tomasini et al. (2015) e de Pilger et al. (2016) foram semelhantes aos encontrados para o curso de Enfermagem no presente estudo. Infere-se, portanto, que estes acadêmicos mantêm medicamentos guardados em casa, pelo fato de terem feito uso e não terem observado nenhum dano perceptível à saúde a curto prazo. Vale ressaltar porém, que administrações múltiplas podem levar a complicações a longo prazo. É sabido que alguns fármacos podem se acumular em tecidos e causar toxicidade (SANTOS et al., 2012).

Grande parte dos entrevistados assumiram que se aconselham com balconistas de farmácia para comprar medicamentos ou recebem conselhos que não foram solicitados (Tabela 5). Tais questões são justificadas pelo marketing de medicamentos (comissão) e pelas

dúvidas que os acadêmicos possuem em relação ao medicamento. Entretanto, há aqueles que afirmaram possuir conhecimento sobre a medicação em uso, pelo simples fato de terem cursado a disciplina de farmacologia, terem algum conhecimento empírico e/ou experiências anteriores com o mesmo medicamento (ALBUQUERQUE et al., 2015).

Observou-se que a maioria dos acadêmicos tem o hábito de fazer a leitura da bula (porcentagem maior no curso de Enfermagem) (Tabela 5). Esses dados corroboram os estudos feitos por Albuquerque et al. (2015) que encontraram 83,9 % de pessoas afirmando ter costume de ler a bula e com o de Moraes et al. (2015) que encontraram 85,42 % que lêem a bula.

Sabe-se que em países subdesenvolvidos, devido à precariedade do sistema público de saúde, a automedicação tem se tornado uma necessidade, em que atua como complemento ao tratamento para várias doenças. Além disso, as elevadas taxas de analfabetismo e falta de orientação faz com que as pessoas não adotem o hábito de leitura da bula (LURAS et al., 2016). Porém, os resultados mostram que dentre os acadêmicos esse hábito é mais comum.

Com relação ao plano de saúde, acredita-se que pessoas que o possuem tem mais oportunidades de optar por uma consulta médica, o que faz com que a automedicação seja menor neste grupo. Porém, este fator não foi avaliado por este trabalho, já que a maioria dos acadêmicos de ambos os cursos entrevistados não possuem plano de saúde.

A ABIMIP - Associação Brasileira da Indústria de Medicamentos Isentos de Prescrição defende o uso dos MIPs - Medicamentos Isentos de Prescrição para tratamento de sintomas menores já diagnosticados antes, desde que de forma responsável (ABIMIP, 2015).

Assim, os benefícios incluem a diminuição substancial de custos para o sistema de saúde e custos aos usuários, otimização de recursos governamentais e conforto aos usuários. Ou seja, se não houvesse os MIPs, os hospitais estariam ainda mais lotados (ABIMIP, 2015).

Para minimizar os índices da automedicação e incentivar a promoção do Uso Racional de Medicamentos, algumas medidas devem ser tomadas, no âmbito educativo, de gestão e normativos. Vale ressaltar que essas medidas devem ser trabalhadas com todo e qualquer público, e não apenas com o público adotado no estudo (BRASIL, 2007).

No plano educativo, devem-se elaborar estratégias que visem educar a informar a população acerca das consequências que o uso não racional de medicamentos pode acarretar,

por meio do desenvolvimento de projetos educativos voltados para o público em geral com participação ativa, desde o planejamento até a avaliação do projeto (BRASIL, 2007).

Também é necessário promover a educação continuada das equipes de saúde, visando a atualização em farmacoterapia e outras áreas afim e incentivar a adoção de práticas terapêuticas não medicamentosas sempre que possível (BRASIL, 2007).

Como medidas de gestão, devem-se estabelecer critérios mais rigorosos para selecionar, financiar, adquirir, distribuir, prescrever e dispensar medicamentos. No plano normativo, incluem-se o controle eficaz da comercialização, a fiscalização da publicidade de medicamentos e a orientação da prescrição, visto que, a propaganda excessiva induz ao uso abusivo de fármacos (BRASIL, 2007).

## 5. CONCLUSÃO

O presente estudo demonstrou que há uma incidência elevada quanto à utilização indiscriminada de medicamentos pelos acadêmicos da instituição pesquisada, devido à superlotação dos hospitais e a demora no atendimento ou até mesmo pelo fato das pessoas já acharem que o conhecimento pré-existente sobre o assunto já é suficiente para se automedicar sem a prescrição de um profissional.

Todavia, esse é um fato preocupante, pois, a automedicação indiscriminada pode acarretar vários riscos à saúde, como dependência, resistência bacteriana, além de aumentar a predisposição para determinadas neoplasias, entre outras complexidades.

Os analgésicos e antigripais são os medicamentos mais utilizados, pois fornecem alívio rápido da dor e outros sintomas; este é o principal motivo para a prática da automedicação.

Sendo assim, faz-se necessário elaborar medidas de cunho educativo com o objetivo de proporcionar mais conhecimento quanto aos efeitos e gravidade da automedicação, não apenas com relação aos acadêmicos, mas à população em geral, tendo em vista que, os acadêmicos possuem incertezas quanto ao tratamento e para isso, buscam orientações com pais, amigos, familiares e farmacêuticos.

Vale ressaltar também a necessidade do desenvolvimento de outros estudos com enfoque nesse assunto em outras instituições de ensino e/ou sociais, visando uma maior

otimização da terapêutica, bem como uma população mais consciente e a formação de profissionais mais competentes e conscientizados na preservação da saúde.

## 6. REFERÊNCIAS

- ABMIP. **Associação Brasileira da Indústria de Medicamentos Isentos de Prescrição**. Perguntas e Respostas, 2015.
- ALBUQUERQUE, L. M. A.; FRANCO, R. C. C.; SILVA, L. L. C.; DANTAS, A. F. F. B.; ALENCAR, J. L.; PIRES DE SÁ, M. F. C. Avaliando a automedicação em estudantes do curso de medicina da Universidade Federal Da Paraíba (UFPB). **Periódicos Científicos Eletrônicos da UFPB**, v. 1, n. 1, p. 39-50, 2015.
- BRANCO, A. C. S. C.; OLIVEIRA, A. B.; COSTA, C. L. S.; SANTOS, P. H. R.; FIGUEIREDO, T. S. A automedicação em acadêmicos de enfermagem de uma instituição de ensino superior em Teresina – PI, s.d.
- BRASIL. Agência nacional de vigilância sanitária. ANVISA. Ação em comunicação para mobilização de jornalistas e publicitários. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- BRASIL. Agência nacional de vigilância sanitária. ANVISA. Projeto educação e promoção da saúde no contexto escolar: o contributo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o uso racional de medicamentos. Caderno do professor/ Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Anvisa, 2007.
- BRASIL. Resolução 466/12 de 12 de dezembro de 2012. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde, Brasília, DF, 12 de dez. de 2012.
- DHAMER, T.; DAL-MOLIN, A. P.; HELFER, A. P.; CARNEIRO, M.; POSSUELO, L. G.; KAUFFMANN, C.; VALIM, A. R. M. A automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde em uma universidade privada do estado do Rio Grande do Sul. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 2, n. 1, p. 5-11, 2012.
- GUIDORENI, C. G.; BITTENCOURT, M. E. S.; PIRES, N. A. Características do uso de fármacos sem prescrição por graduandos em Enfermagem. **Cadernos UniFOA**, v. 60, n. 29, p. 129-136, 2015.
- JÚNIOR, A. C. P.; FILHO, P. C. P. T.; AZEVEDO, D. S. S. Automedicação: consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFPE**, v. 7, n. 6, p. 4472-4478, 2013.
- LEITE, I. C. P. C. R.; FURTADO, M. M. S. C. A.; ROCHA, S. S.; MARIZ, S. R.; OLIVEIRA, T. L.; PERÓN, A. P.; LOPES, C. M.; CALOU, I. B. F.; CERQUEIRA, G. S. Automedicação em acadêmicos: um estudo transversal. **Boletim Informativo GEUM**, v. 7, n. 1, p. 19-27, 2016.
- LURAS, A.; MARQUES, A. A. F.; GARCIA, L. F. R.; SANTIAGO, M. B.; SANTANA, L. K. L. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). **Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial**, v. [57](#), n. 1, p. 104-11, 2016.
- MORAES, D. C.; JUNIOR, G. D. S.; SOARES, M. P.; COLLIER, K. F. S. Automedicação por acadêmicos do curso de graduação em enfermagem do Centro Universitário de Gurupi, Tocantins. *Revista Cereus*, v. 07, n. 2, p. 105-116, 2015.
- PILGER, M. C.; DOMBROWSKI, G.; REBELO, M.; TOMASI, E. Automedicação entre acadêmicos de Medicina das Universidades Católica e Federal de Pelotas/RS. **Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul**, v. 60, n. 1, p. 26-31, 2016.
- ROSSE, W. J. D.; MOURO, V. G. S.; FRANCO, A. J.; CARVALHO, C. A. Perfil da automedicação em acadêmicos do curso de farmácia da Univiçosa, Viçosa, MG. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 92, n. 3, p. 186-190, 2011.



SANTOS, B.; SOUZA, L. G.; DELGADO, N. M.; TORRES, W. O. Incidência da automedicação em graduandos de Enfermagem. **Journal of the Health Sciences Institute**, v. 30, n. 2, p. 156-160, 2012.

SILVA, D. B.; MENDES, D. R. G. Perfil da Automedicação em Santa Maria-DF. **Bibliotecas Fafesa**, 2014.

SILVA, J. A. C.; GOMES, A. L.; OLIVEIRA, J. P. S.; SASAKI, Y. A.; MAIA, B. T. B.; ABREU, B. M. Prevalência de automedicação e os fatores associados entre os usuários de um Centro de Saúde Universitário. **Revista Brasileira de Clínica Médica**. v. 11, n. 4, p. 27-30, São Paulo, 2013.

SILVA, L. A. F.; RODRIGUES, A. M. S. Automedicação entre estudantes de cursos da área de saúde. **Revista Brasileira de Farmácia**, v. 95, n. 3, p. 961-957, 2014.

SILVA, L. S. F.; COSTA, A. M. D. D.; TERRA, F. S.; ZANETTI, H. H. V.; COSTA, R. D.; COSTA, M. D. Automedicação em acadêmicos de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade privada do Sul do Estado de Minas Gerais. **Revista Odontologia Clínico-Científica**, v. 10, n. 1, p. 57 - 63, 2011.

SILVA, R. C. G.; OLIVEIRA, T. M.; CASIMIRO, T. S.; VIEIRA, K. A. M.; TARDIVO, M. T.; JUNIOR, M. F.; RESTINI, C. B. A. Automedicação em acadêmicos do curso de medicina. **Revista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto**, v. 45, n. 1, p. 5-11, 2012.

TOMASINI, A. A.; FERRAES, A. M. B.; SANTOS, J. S. Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná. **Revista Biosáude - UEL**, v. 17, n. 1, 2015.